

Colombiano acusado de dopar jovens em clínica

Ministério Público investiga dono de clínica de reabilitação sob a acusação de dar superdoses de remédios a pacientes

Rebeca Santos

Um especialista em psicanálise está sendo acusado por ex-funcionários de dar superdoses de remédios para jovens internados em uma clínica para reabilitação de usuários de drogas na Serra.

O acusado é um colombiano, proprietário das clínicas Provida, com filiais na Serra e em Meáipe, Guarapari. As denúncias foram feitas à Secretaria de Estado da Saúde (Sesa) e estão sendo investigadas pelo Ministério Público Estadual (MP-ES). O nome dele não está sendo divulgado porque o caso ainda está sendo investigado.

Os ex-funcionários – dois seguranças de uma das unidades da clínica

onde só eram atendidas mulheres de todo o Estado – afirmaram que elas eram dopadas e dormiam cerca de 24 horas seguidas para não reagirem aos maus-tratos.

Em alguns casos, elas estariam sendo algemadas às camas durante surtos psicóticos.

Um dos ex-funcionários disse que o dono da clínica, que não é médico, visitava o local uma vez por semana durante o ano de 2013 e o início de 2014, às segundas-feiras.

Nos outros dias, segundo as denúncias, ele ligava para a clínica e pedia que combinações de remédios – como Fenergan, Diazepam, Haldol e Amplictil – fossem administradas às pacientes, com idades entre 13 e 59 anos.

“Nós seguíamos ordens. Ele

“Eu sabia que aquela situação não era normal, pois as internas da clínica dormiam demais”

Ex-funcionário de clínica

mandava que nós misturássemos altas doses de medicamentos e dêssemos às moças. Eu não sabia o que estava fazendo, só sabia que aquela situação não era normal, pois elas dormiam demais”, explicou um dos ex-seguranças.

Segundo o vigilante, de 33 anos, não havia nenhuma supervisão de psiquiatras durante o tempo em que trabalhou no local, por cerca de três meses.

“Ninguém passava por lá. Muitas vezes, nós tínhamos de segurar aquelas mulheres, que tinham surtos psicóticos frequentemente. Uma delas não podia sequer dormir sozinha, pois tínhamos medo de que matasse as outras”, contou.

O grupo de funcionários agora acusa o colombiano de ter aberto outras clínicas fora do Espírito Santo e de se beneficiar de valores recebidos pelas internações, além de não pagar os funcionários.

“Cada diária era cerca de R\$ 400, por cada uma das cerca de 20 internas. Ele só tinha gastos com os remédios dados. Elas sequer ficavam acordadas para se alimentar, de tão dopadas”, disse um deles.

EX-SEGURANÇA DE CLÍNICA

“Elas dormiam 24 horas direto”

Um dos ex-funcionários da clínica Provida, de 19 anos, afirmou que as internas da filial de Estância Monazítica, na Serra, tomavam medicações fortíssimas e tinham surtos psicóticos com frequência, chegando a tentarem se matar.

A TRIBUNA – Como você conseguiu o emprego na clínica?

EX-SEGURANÇA – Eu já conhecia o dono da Provida do Instituto de Atendimento Socioeducativo do Espírito Santo (Iases), pois eu

“Quando o efeito dos remédios passava, elas tinham surtos seríssimos, e não tinha ninguém para nos ajudar”

era interno lá. Depois, ele me deu uma oportunidade na clínica, onde fiquei por alguns meses, até janeiro deste ano.

> O que acontecia na clínica?

Os dias nunca eram normais naquele lugar. Ficávamos sozinhos praticamente a semana inteira, somente uma psicóloga ia uma vez por semana e o dono também, uma vez na semana. Durante os outros dias, ele ligava e mandava que a gente misturasse remédios e desse às internas.

> E vocês faziam tudo o que ele mandava?

Nós não tínhamos escolha. A gente misturava os remédios e aplicava.

Elas ficavam tão dopadas que não acordavam por nada, e, para alimentá-las, a gente tinha que carregar as moças. Quando o efei-

to dos remédios passava, elas tinham surtos seríssimos, e não tinha ninguém para nos ajudar naquelas situações.

O proprietário mandava a gente algemar as moças nessas situações, pois elas poderiam se matar lá dentro.

> E as famílias? Percebiam o que estava acontecendo?

Quando era dia de visitas das famílias, a quantidade de remédios era diminuída, para que as moças estivessem bem e ninguém percebesse o que acontecia ali.

> Nas outras clínicas era assim também?

Eu sei que ele tem outras clínicas espalhadas, pois ele só quer ganhar dinheiro. Tem uma em Meáipe (em Guarapari), mas, com certeza, tem outras clínicas em nome de laranjas até fora do Estado.

Investigação por desvio

O especialista em psicanálise dono da clínica Provida também está sendo investigado por improbidade administrativa.

Ele foi um dos denunciados na operação Pixote, que apontou irregularidades no Instituto de Atendimento Socioeducativo do Espírito Santo (Iases), onde atuava.

Durante a investigação, que começou no fim de 2011, o acusado foi preso, mas liberado meses depois.

De acordo com o procurador de Justiça Sócrates de Souza, caso sejam confirmadas as denúncias contra o dono da clínica, ele pode

ser preso por tráfico de drogas e exercício ilegal da medicina.

“Vamos até o fim para averiguar se essas informações procedem. O Ministério Público irá investigar as denúncias”, explicou o procurador.

O especialista em psicanálise ficou conhecido no Brasil depois que aplicou seus conhecimentos num projeto pedagógico que foi desenvolvido no Espírito Santo e reduziu a reincidência de jovens infratores para menos de 1%.

Seu método, perspectivas e resultados, são descritos em um livro lançado no Estado.

O OUTRO LADO

Não encontrado

O especialista em psicanálise acusado de dopar pacientes foi procurado por telefone celular e também nas clínicas Provida até as 20 horas de ontem, sem sucesso. O telefone da filial da Serra não estava funcionando. Por e-mail, também não houve retorno por parte da unidade.

Segundo os ex-funcionários que fizeram a denúncia, ele teria excluído as páginas nas redes sociais e não atende às ligações do grupo, que alega não receber salários há meses.



CLÍNICA NA SERRA foi fechada e pacientes foram transferidos

Estado fez auditoria

A Secretaria de Estado da Saúde (Sesa) informou que segue determinação da Justiça para compra de vagas na clínica Provida, que é particular.

A Sesa informou também que realizou auditoria na clínica e enviou relatório com irregularidades ao Ministério Público Estadual e ao Poder Judiciário, quando a clínica funcionava na Serra, mas não

especificou quais eram os problemas. A unidade foi fechada e os pacientes encaminhados para nova sede em Guarapari.

O procurador de Justiça Sócrates de Souza disse que enviou um pedido para que a promotoria da Serra investigue o caso. “Pode abrir o leque para investigarmos outras clínicas do Estado. A situação é bastante séria”, afirmou.

RODRIGO GAVINI - 22/10/2013



SÓCRATES DE SOUZA, procurador de Justiça, disse que o caso está sendo apurado e pode levar à investigação de outras clínicas no Estado: “A situação é bastante séria”, afirmou

Remédios podem matar

A combinação dos remédios Fenergan, Diazepam, Haldol e Amplictil pode levar à morte por depressão cerebral, de acordo com o psiquiatra Vicente de Paulo Ramatis Lima. A vítima, nesses casos, pode deixar de respirar e morrer.

Ele explicou que a administração do remédio Haldol em altas doses pode causar paralisação dos músculos da face e também da lombar, impedindo que o paciente ande normalmente.

Já o Fenergan, segundo o psiquiatra, é utilizado para combater

os efeitos colaterais do Haldol, e provoca relaxamento muscular e a diminuição da pressão sanguínea.

“O Diazepam, por exemplo, é perigoso. A pessoa pode ter depressão do sistema nervoso central e morrer dormindo”, disse.

Já o Amplictil induz à sedação e também pode causar depressão do sistema nervoso central. “Estes remédios combinados podem causar problemas seríssimos e não devem ser usados juntos. Dependendo da dose, deixam sequelas sérias no cérebro”, afirmou o psiquiatra.